



PAISAGEM, SÍMBOLOS E REPRESENTAÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL SUL-RIO-GRANDENSE NO TERRITÓRIO DE SANTA MARIA - RS – BRASIL

Elsbeth Léia Spode Becker
Deise Caroline Trindade Lorensi
Natália Lampert Batista

RESUMO

Na sociedade contemporânea, a Geografia Cultural ganha cada vez mais destaque devido à sua importância no estudo do espaço social, que está repleto de uma noção imaterial e cultural, influenciando a paisagem de forma preponderante. Neste sentido, objetiva-se evidenciar a identidade cultural sul-rio-grandense na contemporaneidade, e analisar sua manifestação na paisagem de Santa Maria – RS. As manifestações culturais tornam-se importantes para a ciência geográfica, uma vez que o homem intervém no espaço, a fim de transmitir os seus costumes e, consecutivamente, constrói a identidade cultural dos povos, firmando os sentimentos de pertencimento a um determinado espaço geográfico. A influência da cultura sobre o território, a exemplo da tradição gaúcha, fortalece os aspectos geográficos, pois diversifica a ação do homem sobre a superfície terrestre, diferenciando o espaço de acordo com sua herança cultural, ou seja, o modo de vida partilhada historicamente por grupos culturais. Os procedimentos metodológicos passaram por uma revisão bibliográfica, aplicação de questionário a jovens santa-marienses, entre 15 e 28 anos, bem como levantamento fotográfico e visita às entidades tradicionalistas do município, verificado *in loco* como se manifesta a tradição gaúcha na paisagem santa-mariense. Constatou-se a premissa de que o tradicionalismo gaúcho em Santa Maria (RS) é um importante componente desencadeador para o convívio da população em suas múltiplas expressões sociais e culturais, bem como foi possível confirmar a influência da família na transmissão da cultura sul-rio-grandense. Por fim, evidencia-se que é necessário o resgate e a valorização da tradição gaúcha na contemporaneidade, principalmente entre a população mais jovem.

Palavras-chave: Geografia cultural. Identidade. Tradição gaúcha. Juventude.

INTRODUÇÃO

Na sociedade contemporânea, a Geografia Cultural ganha cada vez mais destaque devido à sua importância no estudo do espaço social, que está repleto de aspectos culturais que influenciam na paisagem de forma preponderante. Para a ciência geográfica as manifestações culturais tornam-se relevantes a partir da ação humana no espaço geográfico durante o processo de transmissão dos aspectos culturais. Isso se dá através do compartilhamento de relações sociais, históricas e simbólicas, que compõem o folclore de



um determinado grupo social, contribuindo para a construção da identidade cultural dos povos, firmando os sentimentos de pertencimento sociocultural.

A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) reconhece que o folclore é um importante componente da identidade social de uma comunidade através de suas criações culturais, coletivas ou individuais. É, também, uma parte essencial da cultura popular de cada nação.

O folclore não é um conhecimento cristalizado, mas tem grande apelo cultural e representa a identidade social, formada por lendas, estórias, duendes e figuras que, muitas vezes, também se enraízam nas tradições que podem ter grande antiguidade, mas transformaram-se no contato entre distintas culturas durante os fluxos migratórios.

O contato entre diferentes povos, nações e, conseqüentemente, entre diversas culturas, vê-se acentuado na velocidade dos meios de comunicação do atual período técnico-científico-informacional e isso intensifica o processo de transformação das distintas culturas quando em contato entre si mesmas. Essa interação é benéfica, mas necessita de orientação e pesquisa local para que o processo não homogeneizante do consumismo de massa não destrua patrimônios culturais imateriais. Assim, o folclore, a cultura popular ou a tradição tem merecido, também, o trabalho cultural da UNESCO no sentido de orientar as comunidades para entender e bem administrar sua herança folclórica, reconhecendo que o progresso e as mudanças que o processo modernizante provocam podem tanto enriquecer uma cultura como extingui-la para sempre.

Historicamente, as expressões culturais regionais/locais vão sendo transformadas à medida que o desenvolvimento econômico se manifesta nas paisagens, e as funções e os usos dos lugares vão sendo influenciados por novas tecnologias, usos e modismos e, em decorrência, tomando novas configurações. Nessa dinâmica, as relações socioculturais e político-econômicas vão se transformando e transformando o lugar. O lugar é a base da reprodução da vida. As relações que os indivíduos mantêm com os espaços habitados se expressam todos os dias nos modos de uso, nas condições mais banais, no secundário, no acidental. O lugar é, então, “o espaço passível de ser sentido, pensado, apropriado e vivido através do corpo” (CARLOS, 1996, p. 20).

O lugar, na fase mais avançada da globalização, assume aspectos da “cultura de massa”, a cultura do consumismo. Essa cultura se sobrepõe à local, historicamente construída pelos habitantes do lugar. No Rio Grande do Sul, esse fenômeno de (des)territorialização cultural também se fez presente, especialmente, a partir da década de

1960. E notabilizou-se a difusão da “cultura norte-americana” do “*american live on way*” (o estilo norte-americano de viver). A imersão nessa cultura, expressada, especialmente, pela música, pelo modo de se vestir e pelos *fast-food* (comida rápida), trouxe novos “valores” de consumo para os países latino-americanos, em sua maioria.

No Brasil, e também no Rio Grande do Sul, esse fenômeno de “americanização” (influência norte-americana) trouxe profundas transformações ao lugar, e a maior parte da cultura local foi desvalorizada e considerada “atrasada e cafona”, estabelecendo-se valores culturais provenientes de diversos países hegemônicos, principalmente dos Estados Unidos, que, ao se consolidarem como potência política e econômica do sistema capitalista, passaram a determinar e a influenciar regras e padrões que são incorporados e seguidos pelo restante do mundo (filmografia, influência musical, hábitos alimentares, danças, bem como a predominância do idioma inglês) e, conseqüentemente, ocorre a padronização cultural de massa.

A desvalorização e/ou o ‘desconhecimento’ da cultura do Rio Grande do Sul, na contemporaneidade, por grande parte da juventude santa-mariense, contribui para estabelecer a questão de pesquisa que é “como ocorre a construção da identidade cultural gaúcha no século XXI e como esta tradição se manifesta na paisagem santa-mariense”?

A ‘invasão’ e a influência dos aportes da cultura de massa veiculados e facilitados pela técnica da comunicação no atual período técnico-científico-informacional e na modernidade líquida (do pensamento fugaz), desvalorizaram o que era específico de uma região (cultura). Para Bauman (2001), as identidades culturais tornaram-se líquidas, uma vez que ocorreram inúmeras transformações sociais, políticas e econômicas que modificaram as construções das identidades na sociedade pós-moderna: a economia (des)territorializou-se e as relações de produção e consumo se intensificaram na medida em que os indivíduos tornaram-se mais adeptos a culturas provenientes de países hegemônicos.

A tradição gaúcha que se consolidou culturalmente através dos conhecimentos e da vivência dos diferentes povos que colonizaram o Rio Grande do Sul, construindo uma identidade comum que perdurou até a atualidade. Entretanto, durante o processo de transmissão cultural (de geração em geração), perpassou por mudanças ao longo de sua trajetória, no tempo e no espaço. Um exemplo disso são os bailes que, no passado, eram realizados nas Estâncias; hoje, são nas entidades tradicionalistas, principalmente nos Centros de Tradições Gaúchas (CTGs).



Nesse sentido, justifica-se o presente estudo sobre as tradições gaúchas, pois no que se refere à relevância social se destaca a contribuição no resgate e na valorização da cultura sul-rio-grandense. Além disso, pretende-se evidenciar a identidade cultural sul-rio-grandense na contemporaneidade, e analisar sua manifestação na paisagem de Santa Maria – RS (figura 1), contribuindo para o sentido e o entendimento dessa herança folclórica, sua preservação, sua importância e sua adaptação na atual sociedade líquida.

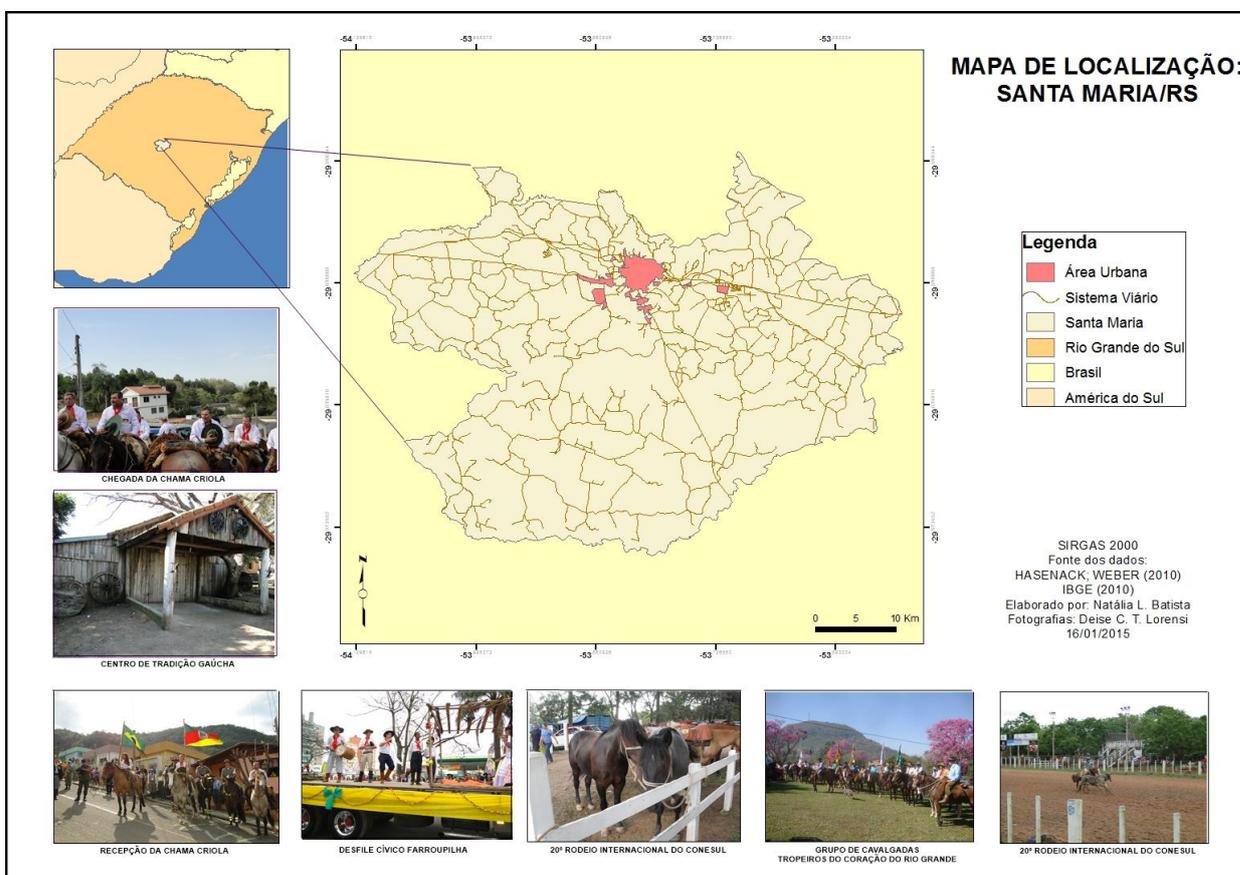


Figura 1: Mapa de localização de Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil.

REFERENCIAL TEÓRICO

O território que atualmente constitui o Rio Grande do Sul historicamente pertenceu aos espanhóis, devido à partilha realizada entre Espanha e Portugal, em 1494. Essa partilha, denominada de Tratado de Tordesilhas, estabelecia que as terras conquistadas que se localizavam ao leste de Tordesilhas pertenceriam a Portugal e as que estavam a oeste pertenceriam à Espanha, ou seja, “pelo Tratado de Tordesilhas, os domínios portugueses na

América do Sul iam até Laguna (no atual Estado de Santa Catarina) e daí para o sul o território seria espanhol” (LESSA; CÔRTEZ, 1975, p. 31).

Na prática, o Tratado de Tordesilhas nunca foi respeitado, pois, no período colonial, o Rio Grande do Sul foi uma zona de litígio entre as coroas portuguesa e espanhola. O território foi palco de lutas e “sofreu os choques das frentes coloniais lusas e espanholas, pelo domínio da área, pois a linha de Tordesilhas nunca foi demarcada” (FLORES, 2003, p. 22). Sendo assim, para impedir que Portugal se apoderasse dessa região, a Espanha iniciou seu processo de colonização.

De acordo com Flores (2003), os espanhóis tinham orientações específicas para povoar a terra por meio de vilas; os núcleos urbanos deveriam ser no interior para evitar ataques de piratas e cada povoado (*pueblo*) teria lotes familiares e uma grande área para a prática da agricultura e da pecuária. O avanço colonial espanhol aconteceu aos poucos porque faltavam homens brancos para colonizar a região. Por isso, o governo espanhol passou a utilizar as reduções jesuíticas, a fim de deter o rápido avanço português, que já ocupava o litoral e começa a povoar o interior com sesmarias.

Deste modo, o território foi ocupado e colonizado paulatinamente, formando uma sociedade guerreira, com base econômica na pecuária e que se adaptava às diferentes culturas que se inseriam nessa região. Além disso, surge, neste contexto, um novo tipo social - o gaúcho - que habitava os pampas (do Rio Grande do Sul, da Argentina e do Uruguai) e era “formado por desertores, fugitivos, vagabundos, criminosos, tanto portugueses como espanhóis, negros e índios, todos marginalizados pela sociedade latifundiária e pecuarista em formação” (FLORES, 2003, p. 67).

Para Lessa; Côrtes (1975), os gaúchos eram mestiços que auxiliavam os estancieiros na caça do gado selvagem e companheiro dos tropeiros para arrebanhar as mulas. As particularidades do seu modo de vida criaram ‘gêneros de vida’ próprios, voltados para o trabalho pastoril, principalmente aquele executado nas estâncias. La Blache, ao enunciar o conceito de gênero de vida, cita que “a história de um povo é inseparável da área que ele habita” (1954, p. 68), ou seja, a construção de um espaço vai depender tanto dos aspectos físicos, quanto dos humanos. Segundo La Blache (1954), existe uma forte relação entre o homem e o solo, mas é nítida também a influência histórica que a relação do homem com o meio vai sofrer.

Assim, o Rio Grande do Sul consolidou-se culturalmente através da ação humana que ocupou e organizou o território gaúcho até o século passado. Primeiramente,

influenciada pela cultura indígena (jês, pampianos e guaranis); após, pelos colonizadores portugueses e espanhóis, assim como pelos escravos e pelos imigrantes, principalmente os alemães, os italianos e os açorianos.

O gaúcho, como forma de expressividade cultural, em termos regionais, não é o único grupo étnico que o formou, uma vez que, devem-se considerar as variações regionais que o compõem e que contribuíram para sua constituição. Pode-se afirmar, então, que a partir das bases socioculturais que configuraram o espaço rio-grandense o gaúcho apresenta particularidades intrínsecas ao contexto regional, ou seja, há “vários” gaúchos, diferenciados na forma e no que se refere às peculiaridades, mas que também mantém traços comuns, relativos ao tradicionalismo e ao nativismo (BRUN NETO; BEZZI, 2008, p. 136).

O folclore sul-rio-grandense incorporou as particularidades étnico-culturais, resultado de diversos costumes que se agregaram e (re)criaram a sociedade gaúcha durante séculos, tornando a paisagem cultural bastante diversificada. A tradição gaúcha foi recriada à medida que se inseriram nessa região diversas etnias, incorporando novos aspectos culturais. Entre eles, pode-se citar: a música, a religiosidade, a simbologia, os costumes, a atividade econômica, entre outros.

Assim, para compreender a força da tradição e sua inserção na paisagem do Rio Grande do Sul, é importante resgatar a história do Movimento Tradicionalista Gaúcho e evidenciar os acontecimentos que antecederam a criação do Grupo dos Oito e, consecutivamente, do primeiro Centro de Tradições Gaúchas (35 CTG). Mariante (1976) destaca a influência do *Patemon Literário*, fundado em 1868, que reuniu os intelectuais da época e publicava a literatura regional; e, em 1894, no Uruguai, Elias Regules fundou a entidade tradicionalista *La Criolla*. Ambas associações estimularam, na sociedade sul-rio-grandense, a necessidade de cultivar as suas raízes culturais.

Côrtes (2001) ressalta que, em 1898, o santa-mariense João Cezimbra Jacques fundou o Grêmio Gaúcho Porto Alegre, inspirando o surgimento de outros clubes com objetivos cívico-gauchescos, como: União Gaúcha Pelotas (1899), Grêmio Gaúcho Santa Maria (1901), Clube Gaúcho Livramento (1902), Clube Gaúcho Dom Pedrito (1904) e Clube Gaúcho São Pedro do Sul (1910). Foram inúmeras sociedades tradicionalistas fundadas no estado que

João Cezimbra Jacques sonhou em organizar uma espécie de federação reunindo todas as entidades imbuídas do mesmo ideal. Porém, isso não



aconteceu e elas aos poucos foram desaparecendo [...] essas sociedades tiveram dificuldades de afirmação porque o gauchismo não era bem recebido pela elite urbana; havia muito preconceito em relação ao gaúcho, que era visto como grosso, contrabandista, vagabundo, andarilho, etc. (CAMARGO, 2006, p. 160-161).

Além disso, no decorrer da primeira metade do século XX, ocorreram profundas alterações na sociedade sul-rio-grandense, entre elas a crescente concentração das atividades comerciais e industriais nos centros urbanos, assim como se inseriram elementos culturais de outras regiões brasileiras, principalmente do sudeste. De acordo com Lessa; Côrtes (1975), neste período, o Rio Grande do Sul tudo recebeu, em matéria de música popular, e nada forneceu.

Culturalmente foi mero receptor. Até mesmo o Grêmio Gaúcho, “que Cezimbra Jacques havia fundado em Porto Alegre com objetivos cívico-gauchescos, somente conseguira sobreviver ao se tornar uma sociedade recreativa comum” (LESSA; CÔRTEZ, 1975, p. 80), ou seja, com bailes carnavalescos e festas juninas, perdendo sua originalidade. Desta maneira,

As transformações culturais e sociais que vinham desde a Primeira Guerra Mundial tornaram-se ainda mais acentuadas com a Segunda Guerra Mundial. Houve, no mundo, um desenvolvimento rápido da tecnologia e, por causa do aperfeiçoamento dos meios de comunicação, maior aproximação entre os povos. (CAMARGO, 2000, p. 57).

A difusão das rádios, pelo Rio Grande do Sul, inseriu no cotidiano dos centros urbanos elementos culturais, sobretudo dos Estados Unidos, que passou a ditar a moda e a cultura. Gradativamente, os jovens gaúchos passaram a desvalorizar suas raízes culturais e apreciar o estilo de vida norte-americana, enfraquecendo a cultura regional. Lessa; Côrtes (1975) relatam que a posição hegemônica dos Estados Unidos fez com que os aspectos culturais no Brasil, em especial do Rio Grande do Sul, enfraquecessem. Isso se deu através do cinema, dos livros (*best-sellers*), das histórias em quadrinhos, como o Capitão América e outros super-heróis, bem como da cultura country e da musicalidade norte-americana.

Durante o período do Estado Novo (1937-1945), Getúlio Vargas baniu do currículo escolar “os fatos e feitos da história da Gente Gaúcha, e o Rio Grande tinha seu amor cívico, amordaçado com a determinação da queima da Bandeira Tricolor Farrapa” (CÔRTEZ, 2001, p. 6), prejudicando o desenvolvimento e prática das culturas regionais.

Neste período, os símbolos sul-rio-grandenses - bandeira, brasão e hino – foram proibidos e simbolicamente queimados em cerimônia no Rio de Janeiro, sendo que a utilização destes era considerada uma afronta contra a ordem política e social do Brasil.

Com isso, perdia-se o sentimento de culto às tradições e as raízes sul-rio-grandenses estavam sendo menosprezadas pelas gerações mais jovens. “O povo gaúcho, a massa popular cidadina, parecia ignorar o seu próprio patrimônio cultural-tradicionista e estava alheio às coisas do seu passado primitivo” (CÔRTEZ, 2001, p. 7). Diante de tudo isso, os gaúchos ficaram acomodados e sem atitudes perante as situações desenroladas nas primeiras décadas do século XX.

É neste contexto, pós Segunda Guerra e de banalização cultural, que emerge a necessidade de (re)valorização do folclore gaúcho. O movimento tradicionalista iniciou na capital do Rio Grande do Sul (Porto Alegre), em agosto de 1947, a partir de um movimento estudantil em favor das tradições gaúchas. Côrtes (2001) salienta que este movimento começou no Colégio Estadual Júlio de Castilhos, quando um grupo de alunos funda o Departamento de Tradições Gaúchas (DTG), que visava, basicamente, à preservação da cultura popular sul-rio-grandense. Esta ideia paulatinamente se estruturou e ganhou novos adeptos.

Ainda em 1947, o Departamento de Tradição Gaúcha envolveu-se com a retirada da Pira da Pátria, assim como transportou-a em chama até o Colégio Estadual Júlio de Castilhos, estendendo as festividades do dia 7 ao dia 20 de setembro, criando, assim, a 1ª Ronda Crioula, bem como instituiu o Candeeiro Crioulo, a Chama Crioula e o primeiro Baile Gaúcho (CÔRTEZ, 2001).

Também em decorrência das programações da Semana da Pátria, os restos mortais de David Canabarro seriam trasladados de Santana do Livramento para Porto Alegre (CAMARGO, 2006). Fato este que desencadeou a formação do Piquete Tradição (que ficou conhecido como Grupo dos Oito, pois reuniu apenas oito cavaleiros), liderado por Paixão Côrtes, que propôs uma “guarda de honra, à pata de cavalo, por gaúchos que lembrassem os tempos em que nossos estancieiros e suas peonadas enfrentaram durante dez anos todo um império” (CAMARGO, 2006, p. 162).

O movimento tradicionalista começou a conquistar sentido cultural e espaço histórico na sociedade gaúcha após a fundação do 35 CTG. Esta entidade foi criada na capital, em 24 de abril de 1948, por 24 estudantes secundários, a maioria do Colégio Estadual Júlio Castilhos e quase todos oriundos do interior do Rio Grande do Sul, mais

precisamente da campanha (MARIANTE, 1976), marcando o movimento de recuperação e valorização da cultura regional.

O 35 CTG impulsionou a multiplicação de Centros de Tradições Gaúchas, dentro do estado e além de suas fronteiras, difundindo a história sul-rio-grandense e a cultura popular gaúcha. Entretanto, estas entidades sentiram a necessidade de formar um órgão catalisador que disciplinasse e orientasse os CTGs.

“A criação deste órgão registrou-se no dia 22 de outubro de 1960” (MARIANTE, 1976, p. 12), constituindo-se como um conselho coordenador. Porém, seis anos depois, no XII Congresso Tradicionalista, consolida-se o Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG), congregando a maioria das entidades nativistas gaúchas, dedicando-se à preservação, ao resgate e ao desenvolvimento da cultura sul-rio-grandense.

Para que o MTG se tornasse uma organização respeitada e reconhecida, na contemporaneidade, muitas pessoas se dedicaram arduamente para que o tradicionalismo se consolidasse. Isso se deu através de atividades diárias, nos congressos e convenções, nos eventos de âmbito estadual, bem como no resgate da história sul-rio-grandense, da música, do folclore, das cavalgadas, das crenças, dos hábitos e dos costumes dos gaúchos.

Na atualidade o MTG é uma associação sem fins lucrativos, que congrega mais de 1400 entidades tradicionalistas no Rio Grande do Sul, legalmente constituídas, conhecidas por Centro de Tradições Gaúchas, Piquetes, Departamentos Tradicionalistas, entre outras denominações. As entidades filiadas ao MTG estão distribuídas em 30 regiões tradicionalistas, que agrupam todos os municípios sul-rio-grandenses (Fonte: <http://www.mtg.org.br/>).

A população santa-mariense sempre procurou cultivar as suas tradições. “O sangue dos índios minuanos, tapes e guaranis, mesclado aos dos espanhóis e portugueses, originou esse homem forte, de temperamento firme, audacioso e sentimental que se orgulha de sua origem – o gaúcho santa-mariense” (RECHIA, 1999, p. 116), fato que é evidenciado através de eventos tradicionalistas que se manifestam na paisagem cultural de Santa Maria, entre elas: os rodeios, a chegada da Chama Crioula, a Semana Farroupilha, que contam com grande número de adeptos gaúchos.

Santa Maria (RS) foi sede do Primeiro Congresso Tradicionalista, em 1954. De acordo com Camargo (2006), este congresso foi uma iniciativa de Emílio Rodrigues, integrante do CTG Ponche Verde, que reuniu uma heterogênea comunidade tradicionalista em busca de uma identidade cultural e de homogeneidade ideológica. Participaram neste

congresso escritores, políticos e representantes de praticamente todos os CTGs, que buscavam maior entrosamento entre as entidades tradicionalistas.

Atualmente, Santa Maria é a sede da 13ª Região Tradicionalista (13ª RT), que congrega 89 entidades, distribuídas em dezessete (17) municípios vizinhos - Agudo, Dilermando de Aguiar, Dona Francisca, Faxinal do Soturno, Formigueiro, Itaara, Ivorá, Nova Palma, Paraíso do Sul, Restinga Seca, Santa Maria, São João do Polêsine, São Martinho da Serra, São Pedro do Sul, São Sepé, Silveira Martins e Vila Nova do Sul (Fonte: <http://www.13rt.com.br>).

O município de Santa Maria (RS) “congrega hoje um universo de pessoas reunidas em núcleos culturais denominados Piquetes, Grupos Nativistas, Departamento de Cultura, Centro de Tradições, entre outros” (BERTOLINI et al., 2003, p. 59), localizados tanto na área urbana quanto rural. Entre os CTGs destacam-se: o Ponche Verde (primeiro CTG santamariense), o Estância do Minuano, o Bento Gonçalves, o Sentinela da Querência, o Piá do Sul, por sua ativa participação e incentivo ao tradicionalismo, bem como na construção da identidade cultural sul-rio-grandense na contemporaneidade.

METODOLOGIA

O presente estudo é de natureza qualitativa quanto à forma de abordagem, pois buscou interpretar a construção da identidade cultural sul-rio-grandense na contemporaneidade, a partir da percepção dos jovens gaúchos no município de Santa Maria, Rio Grande do Sul. Pochmann (2004) ressalta que, no século XXI, quando a expectativa média de vida encontra-se ao redor dos 70 anos no Brasil, torna-se fundamental o alargamento da faixa etária circunscrita à juventude para algo entre 16 e 34 anos de idade.

Neste sentido, a faixa etária entre 15 e 28 anos foi considerada adequada para este estudo, uma vez que é neste período que se consolida os saberes e as vivências tradicionalistas dos jovens, evidenciado através do vocabulário próprio, acompanhado de gostos específicos no vestir, no relacionamento em grupo, na dança, na música, entre outros.

A análise dos significados subjetivos da experiência e da prática cotidianas mostrou-se essencial para a compreensão do objeto e para a delimitação dos objetivos da pesquisa. Assim, do ponto de vista de seus objetivos, esta pesquisa pode ser considerada descritiva, e o método empregado foi o dedutivo, uma vez que, a partir das análises



regionais, fizeram-se inferências locais. Também, foi verificado *in loco* como se manifesta a tradição gaúcha na paisagem santa-mariense.

Com relação aos procedimentos metodológicos, a princípio se realizou uma revisão bibliográfica sobre as temáticas: geografia cultural e sua relação com a tradição, e a origem da tradição gaúcha. Após, foram recolhidos depoimentos de jovens santa-marienses, no intuito de compreender como ocorre a construção da identidade cultural dos jovens santa-marienses. Para isso foram aplicados 26 questionários, sendo que dezessete (17) foram respondidos por jovens que residem na área urbana de Santa Maria (RS) e nove (9) residem na área rural, bem como se procurou contemplar os jovens, afiliados ou não em entidades tradicionalistas.

Durante as saídas de campo, para aplicação dos questionários e visitação das entidades tradicionalistas do município, se realizou um levantamento fotográfico das principais manifestações desta cultura em Santa Maria (RS), como: rodeios, CTGs, desfile tradicionalista, etc., a fim de compreender os conjuntos identitários que se manifestam na paisagem santa-mariense.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O tradicionalismo é um elemento de transformação e organização do espaço geográfico, contribuindo na construção de novas paisagens, bem como possibilitando a convivência de diferentes gerações, perpetuando, assim, a cultura sul-rio-grandense ao longo dos anos e desenvolvendo os sentimentos de identidade e de pertencimento sociocultural dos jovens gaúchos.

A análise das manifestações tradicionalistas gaúcha, no município de Santa Maria (RS), contribuiu significativamente para evidenciar como os códigos culturais auxiliam na construção identitária. Além disso, o convívio das diferentes gerações possibilita que a juventude desenvolva sua identidade cultural na contemporaneidade, ou seja, os jovens vão aderindo hábitos e costumes similares aos dos adultos. “A transmissão é feita em diversas etapas no decorrer da infância e da adolescência” (CLAVAL, 2007, p. 63 – 64). A família tem um papel fundamental na construção e transmissão cultural, pois é através do compartilhamento de experiências que se consolidam os saberes, os valores e os comportamentos sociais.



O movimento tradicionalista é importante na atualidade, pois contribui para preservar a cultura sul-rio-grandense, conservar os valores sociais, possibilitando a convivência de diferentes gerações, cultuando e preservando as raízes culturais. Desta maneira, o tradicionalismo pode ser entendido como “um estado de alma e de espírito. É uma forma de rever as coisas do passado na preocupação de retirar elementos fundamentais que possam ser utilizados para consolidar o indivíduo na sociedade atual” (CÔRTEZ, 1981, p. 12).

As territorialidades do tradicionalismo gaúcho formam conjuntos identitários materiais e imateriais orientados pelo modo de fazer, de sentir e de agir, ao interligar experiências passadas com expectativas futuras. Envolvem, assim, tanto as tradições fixadas na memória e na história, quanto um projeto de reprodução da atual sociedade. Além disso, os códigos culturais auxiliam na compreensão do tradicionalismo gaúcho e da sua manifestação na paisagem santa-mariense. As simbologias contribuem para determinar valores e comportamentos vivenciados relacionados à cultura local.

Neste sentido, alguns códigos culturais reforça a construção da identidade cultural e do sentimento de pertencimento do jovem gaúcho na contemporaneidade, através da materialização dos símbolos típicos na paisagem e do significado destes para os adeptos do tradicionalismo gaúcho. Sendo assim, em Santa Maria (RS) os principais símbolos e expressões culturais que se manifestam no espaço geográfico são: o chimarrão, as vestimentas típicas, a Chama Crioula – principalmente durante os festejos farroupilhas, a Semana Farroupilha, a música gauchesca – em especial o Hino do Rio Grande do Sul, os rodeios e a gastronomia.

O chimarrão (figura 2) é um dos principais símbolos que identifica o gaúcho santa-mariense, pois além de possibilitar o convívio diário, aproximando as diferentes gerações, esta simbologia materializa-se na paisagem do referido município.

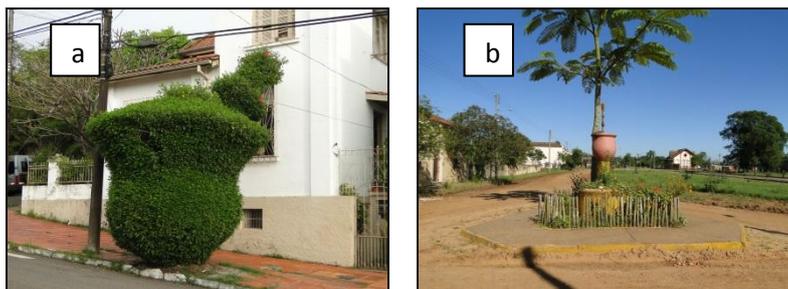


Figura 2: a) Arbusto podado no formato de uma cuia, localizado na Rua 13 de Maio, próximo a Escola Estadual Manoel Ribas, na cidade de Santa Maria; b) Monumento no distrito de Arroio do Só, no município de Santa Maria.



O chimarrão é uma bebida típica do Rio Grande do Sul, herança do índio guarani. É símbolo da cordialidade, de confiança depositada, de intimidade entre as pessoas. A hospitalidade é um valor constante na vida do gaúcho, e o chimarrão é o fator agregador: que reúne, que harmoniza, através do calor humano, o relacionamento entre os gaúchos (CAMARGO, 2000).

Na vestimenta, apontou-se o uso da bombacha, da bota, do lenço e do vestido de prenda, respectivamente, como próprios da cultura gaúcha. “As bombachas – símbolo dos gaúchos – devem ser usadas apenas por homens” (HOWES NETO, 2009, p. 108). Na sociedade sul-rio-grandense contemporânea o uso da bombacha, popularizou-se entre as prendas, incorporando esta indumentária no seu cotidiano. Entretanto, dentro das entidades tradicionalistas esta vestimenta sofre inúmeras restrições, como, por exemplo, é proibido o uso de bombacha por prendas em apresentações artísticas e participações sociais, tais como bailes, congressos, representações, etc.

A Chama Crioula “é o símbolo autêntico da tradição gaúcha, representando, na Semana Farroupilha, o compromisso de manter acesa a chama sagrada de servir nossos irmãos e irmanados” (CAMARGO, 2000, p. 80). A chama representa o fogo/luz que não se apaga nos corações dos gaúchos, conservando acesos os ideais de justiça e liberdade dos heróis farroupilhas. O grupo de cavalgada Tropeiros do Coração do Rio Grande (figura 3a), em 2014, conduziu a Chama Crioula desde Cruz Alta (RS), percorrendo a cavalo 166 km, até o distrito de Santo Antônio, município de Santa Maria, onde pernoveram no PL Querência de Santo Antônio. No dia seguinte, a Chama Crioula foi levada para o CTG Tropeiros da Querência, em homenagem aos 50 anos desta entidade (figura 3b).



Figura 3: a) Saída do grupo de cavalgada Tropeiros do Coração do Rio Grande do PL Querência de Santo Antônio; b) Chegada da Chama Crioula no CTG Tropeiros da Querência; c) Chama Crioula em destaque no CTG Bento Gonçalves, durante as celebrações da Semana Farroupilha.

Após, no dia 13 de setembro, a Chama Crioula foi conduzida até o Parque da Basílica Santuário da Medianeira, onde ocorreu a cerimônia de distribuição da centelha da



chama para todas as Entidades Tradicionalistas do município, iniciando oficialmente a Semana Farroupilha.

A Chama Crioula ganha um local de destaque em cada entidade (figura 3c), simbolizando o apego do gaúcho à sua querência, permanecendo acesa até o encerramento da Semana Farroupilha, que ocorre no final do desfile tradicionalista.

A Semana Farroupilha (figura 4) é um acontecimento compartilhado por todos os tradicionalistas seja do campo ou da cidade, bem como por todos que vivenciam o gauchismo de maneira geral. As principais manifestações durante este período são os bailes, a escolha de prendas e peões, apresentações das invernadas artísticas, entre outros. Entretanto, a auge das comemorações é o Desfile Tradicionalista, onde os gaúchos exaltam os atos e as façanhas da Revolução Farroupilha, a gastronomia, a música, as danças, os jogos e principalmente o seu orgulho pela cultura regional.



Figura 4: Semana Farroupilha de 2014; a) baile do CTG Bento Gonçalves; b) entrega da faixa para as prendas e peões do CTG Bento Gonçalves; c) Apresentação da Invernada Mirim do CTG Bento Gonçalves.

Neste ano de 2014, 29 entidades tradicionalistas passaram pela Avenida Medianeira (figura 5), comemorando o Dia do Gaúcho. “O desfile de 20 de Setembro é o evento máximo de reverência à memória farroupilha. Foi oficializado pela Lei nº 4.850, de onze de setembro de 1964” (HOWES NETO, 2009, p. 104), homenageando os heróis farrapos e enaltecendo os símbolos culturais sul-rio-grandense com a passagem de cavalarianos e de carros temáticos.



Figura 5: a, b e c) Desfile comemorativo da Semana Farroupilha de 2014, na Avenida Medianeira, Santa Maria (RS).

A música gauchesca contribui na construção da identidade cultural, e na preservação, na revitalização e na (re)invenção da tradição gaúcha na sociedade contemporânea. Neste sentido, os questionados, tanto o jovem do campo quanto o da cidade, citaram inúmeros cantores da atualidade, sobressaindo-se Mano Lima, César Oliveira e Rogério Melo, Luiz Marengo e Baitacá, bem como a intérprete feminina Shana Müller.

A música é um dos códigos culturais que expressa de forma mais significativa identificação do gaúcho com as 'coisas do pago'. As letras retratam o 'Rio Grande', enfatizando os aspectos físico-naturais e sociais no que se referem aos seus principais códigos culturais (BRUN NETO; BEZZI, 2008, p. 144 - 145).

É através da música que os gaúchos manifestam sentimentos comuns de pertencimento sociocultural e exaltam seus hábitos e seus costumes, contribuindo para o entendimento dessa herança cultural, sua preservação, sua importância e sua adaptação na atual sociedade.

O hino do Rio Grande do Sul é um símbolo peculiar da cultura gaúcha, uma vez que todos os jovens souberam entoá-lo, constituindo-se um dos principais símbolos para a construção de identidade e de pertencimento sociocultural. Foi destacada na letra do hino a estrofe que representa algo especial para o jovem enquanto gaúcho. Logo, as estrofes frisadas - '*foi o vinte de setembro, o precursor da liberdade*'; '*servam nossas façanhas, de modelo a toda terra*'; '*povo que não tem virtude, acaba por ser escravo*' - evidenciam a importância da Revolução Farroupilha na formação da cultura sul-rio-grandense. O hino é um elemento agregador, onde todos os gaúchos expressam seu orgulho, seus sentimentos e apego pelo pago, cultuando o legado das gerações passadas.

A participação da juventude é bastante expressiva nos rodeios, uma vez que este remete a lida campeira. Uma das mais visíveis manifestações do gauchismo, dentro do cenário urbano santa-mariense são os rodeios de *tiro de laço* (figura 6 a e b), que acontecem praticamente todos os finais de semana.



Figura 6: a) Rodeio Internacional do Conesul, na Associação Tradicionalista Estância do Minuano, março de 2014; b) Rodeio CTG Bento Gonçalves, outubro de 2014; c) Rodeio Interestadual CTG Estância do Jarau (gineteada).

De acordo com Howes Neto (2009), os laçadores reúnem-se semanalmente para treinar e disputar o tiro de laço e os rodeios configura-se como uma verdadeira febre dentro do movimento tradicionalista. Além do tiro de laço, os jovens são adeptos das gineteadas (figura 6c), que é uma demonstração da doma gaúcha e da habilidade do peão campeiro. Para a cultura sul-rio-grandense, “domar, significa ter domínio sobre – é a condição de existência do gaúcho e a sua condição para ser homem. Quando ele perde sua força, não é mais capaz de domar a natureza ao seu redor, ele perde sua masculinidade e sua identidade como gaúcho” (Leal, 1992. p. 147).

Os rodeios, principalmente, de tiro de laço são uma constante na paisagem de Santa Maria, proporcionando fluxos de convivência entre o jovem rural e o urbano. Essa prática está presente, desde os eventos promovidos pelas entidades tradicionalistas até eventos de caráter informal, como observado nos arredores do município.

Na gastronomia, pode-se destacar como sendo da tradição gaúcha o churrasco, o carreteiro, o chimarrão, o arroz de china e a vaca atolada. A culinária gaúcha formou-se historicamente, misturando ingredientes, técnicas, usos e costumes, das diferentes etnias que colonizaram e povoaram o Rio Grande do Sul. A gastronomia é um dos mais importantes elementos que definem a cultura sul-rio-grandense, possuindo características que identificam e representam sinais e ícones da hospitalidade do povo gaúcho. Preservar a gastronomia é resgatar a história e construir a identidade regional.



Na gastronomia, o churrasco e o chimarrão, apresentam-se como uma identidade territorial gaúcha e, também, reconhecida como uma prática social de identidade que remete ao lugar de tradições com a histórica lida campeira.

A influência da cultura sobre paisagem local fortalece os aspectos geográficos, uma vez que diversifica a ação do homem, diferenciando o espaço de acordo com sua herança cultural. O modo de vida partilhada historicamente materializa-se no espaço e contribuem na construção identitária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tradicionalismo gaúcho em Santa Maria (RS) é um importante componente desencadeador para o convívio da população em suas múltiplas expressões sociais e culturais, bem como foi possível confirmar a influência da família na transmissão da cultura sul-rio-grandense.

Diante dos códigos culturais que se expressam na paisagem local constatou-se a existência de uma forte relação de identidade da população com os aspectos geográficos que remontam à identidade cultural e histórica do tradicionalismo gaúcho. As manifestações tradicionalistas no município (bailes, rodeios, cavalgadas, desfile tradicionalista, concursos, etc.) potencializam a construção da identidade cultural do jovem santa-mariense, promovendo a experimentação coletiva, de encontro, de diálogo, de convivência, de fusão de públicos e de sentimentos de identidade e de pertencimento da população em relação à tradição gaúcha.

Além disso, as entidades tradicionalistas do município, principalmente os Centros de Tradição Gaúcha (CTGs) proporcionam o convívio de diferentes gerações e a prática cultural no meio urbano, viabilizando a identidade de pertencimento elaborada pelo jovem cidadão.

Constatou-se que o resgate e a valorização da tradição gaúcha se fazem necessárias entre a população mais jovem, principalmente para aqueles que não participam nas entidades tradicionalistas, pois estes reproduzem os costumes, mas muitas vezes, não conhecem a origem e o contexto histórico da tradição gaúcha. Muitos jovens estão perdendo seu vínculo com cultura sul-rio-grandense, devido à mídia televisiva e a internet principalmente. A juventude santa-mariense está cada vez mais envolvida com dimensões

culturais provenientes de outros países hegemônicos e/ou regiões brasileiras, perdendo o conhecimento sobre sua identidade cultural local.

Sendo assim, sugere-se que esta temática seja inserida na grade curricular da Educação Básica, ou seja, um processo permanente dentro das instituições educacionais e não apenas componente curricular dos 5º anos ou abordada apenas na Semana Farroupilha. Deve-se ampliar o número de Departamentos Tradicionalista Cultural Estudantil (DTCEs), formando internadas artísticas, promovendo a partilha de saberes entre as entidades tradicionalistas e a comunidade escolar.

Por fim, o estudo geográfico dos processos culturais tornam-se desafiadores na contemporaneidade, uma vez que possibilita a compreensão dos elementos que criaram, compõem e transformam as diferentes regiões da superfície terrestre, proporcionando maior entendimento das relações humanas com a natureza e sua organização espacial.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BERTOLINI, Erival et al. **Folclore e tradição**. In: SANTA MARIA, Conselho Municipal de Cultura. Santa Maria: cidade cultura. Santa Maria: Pallotti, 2003.

BRUN NETO, Helena; BEZZI, Meri Lourdes. Regiões culturais: a construção de identidades culturais no Rio Grande Do Sul e sua manifestação na paisagem gaúcha. In: **Sociedade e Natureza**, vol.20, n.2, p.135-155. Uberlândia, 2008.

CAMARGO, Odalgil Nogueira de. **Falando em tradição e folclore**: conhecimento básico da cultura e tradições do Rio Grande do Sul. Passo Fundo: Ed. Gráfica Pe. Berthier, 2000.

_____. **Falando em tradição e folclore**: conhecimentos básicos da cultura e tradições do Rio Grande do Sul. Passo Fundo, RS: Méritos, 2006.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Hucitec. 1996.

CLAVAL, Paul. **Geografia Cultural**. Florianópolis: UFSC, 2007.

CÔRTEZ, João Carlos Paixão. **Falando em tradição e folclore gaúcho**: excertos jornalísticos. Porto Alegre: Grafosul, 1981.

CÔRTEZ, João Carlos Paixão. **Tradicionalismo gauchesco**: nascer, causas e momentos. Caxias do Sul, RS: Lorigraf, 2001.

FLORES, Moacyr. **História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Ediplat, 2003.

HOWES NETO, Guilherme. **De bota e bombacha**: um estudo antropológico sobre as identidades gaúchas e o tradicionalismo. UFSM: Santa Maria, 2009.

LA BLACHE, Paul Vidal de. **Princípios de geografia humana**. Lisboa: Cosmos, 1954.

LEAL, Ondina Fachel. Honra, morte e masculinidade na cultura gaúcha. In: TEIXEIRA, Sérgio Alves. ORO, Ari Pedro (Orgs.). **Brasil e França**: Ensaios de Antropologia Social. PPGAS - UFRGS, n. 6. 1992.

LESSA, Luiz Carlos Barbosa; CÔRTEZ, João Carlos Paixão. **Danças e andanças da tradição gaúcha**. Porto Alegre: Editora Garatuja, 1975.

MARIANTE, Helio Moro. **História do tradicionalismo sul-rio-grandense**. Porto Alegre: IGTF, 1976.

POCHMANN, Márcio. **Desafios do trabalho**. Petrópolis: Vozes, 2004.

RECHIA, Aristilda Antonieta. **Santa Maria**: panorama histórico-cultural. Santa Maria, RS: Associação Santa-Mariense de Letras, 1999.

Sites consultados:

MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO – Rio Grande do Sul. Disponível em: <http://www.mtg.org.br/>; acessado em 08 de junho de 2014.

13ª REGIÃO TRADICIONALISTA - "Sentinela da Cultura". Disponível em: <http://www.13rt.com.br/>; acessado em 08 de junho de 2014.